O Cristal Rosa

Em o despertar de Nanda.

A história de amor que se prolonga através do tempo e da morte.

Natalia Moura

Biografia

O Cristal Rosa surgiu de uma grande vontade de contar uma história que eu ainda não tinha ouvido, com uma mistura de romance, pureza e maldade. O enredo foi criado à base de ficção, romance policial, romance tradicional e aventura ultrapassando os limites do tempo e da morte sendo cheio de surpresas, segredos e muito amor, este livro foi escrito para envolver e encantar quem o ler. Consiste em dois livros, o primeiro tenta ser leve e ao passar das páginas vai ficando mais tenso, o segundo mais sombrio e a vilã demonstra sua maldade e ódio com mais loucura. Com tantas tragédias ainda assim promete um final feliz.

Agradecimentos

Muitas pessoas passaram por minha vida e muitas delas deixaram saudades e outras estão pertinho de mim, quero agradecer a todas estas, primeiramente a Deus, pois sem a fé que tenho nele nada seria possível, ao meu querido marido Edom P. carvalho e sua mãe Neusa Maria de Lima que sempre acreditou em meu potencial, aos meus pais Anali de Moura e Joziel R.da Silva e avós, aos meus amigos do colegial, minhas professoras queridas Maria Deusani Van Sebroeck por tanto carinho que me dedicou e Jane Almeida Fonseca por me ajudar nas primeiras páginas deste livro. Serei eternamente grata a cada um, por todo carinho dedicado, nada disso seria possível sem vocês.

SUMARIO

ONDE TUDO COMEÇOU.....07

A NOVA VIDA DE NANDA.....38

A alma ruim será o primeiro filho de um casal real pertencente à guarda do Cristal Rosa, esta abominará a bondade e destruirá toda uma geração de seguidores, sua maldade prolongará durante séculos.

(Esta foi a Profecia)

O CRISTAL ROSA

O despertar de Nanda.

Livro I

Natalia Moura

Onde Tudo Começou

Em uma terra distante cercada pelo mar havia um castelo e, nele, um rei, uma rainha e uma bela princesinha. O rei era um homem justo e amado por todos. Sua bondade era conhecida em todas as redondezas. A rainha, bem, tinha suas vaidades, mas não era considerada uma pessoa má, tinha a saúde frágil e, como esperava seu segundo filho, estava sempre cercada de muitos cuidados.

Já tinha uma menininha, a princesa Natacha, que enchiam suas vidas de alegria. Apesar de já ser vaidosa e mimada como a mãe, ainda era uma criança e o rei tinha certeza que quando crescesse se tornaria a mais doce das criaturas e arrumaria um bom casamento.

O nascimento da nova criança era esperado com muita ansiedade por todos e, especialmente, pelo rei, que aguardava um herdeiro, um príncipe que, no futuro, lhe substituiria, seria o novo rei. Um menino que ele ensinaria tudo o que um bom homem deve fazer e saber. Mal conseguia dormir pensado nas tardes de cavalgadas que fariam juntos, nas aulas de esgrima, nas caçadas pela floresta, enfim, seriam mais que pai e filho, seriam grandes amigos.

E em uma dessas noites de insônia e sonhos acordados aconteceu o que todos estavam esperando. O dia havia sido lindo, mas a noite estava fria e chuvosa como nunca tinham visto antes. O médico foi chamado às pressas. As criadas corriam de um lado a outro naqueles corredores enormes. A agitação era intensa, até que um choro fino e fraco foi ouvido e, neste momento, a chuva cessou. A rainha acabara de dar à luz. Seria, enfim, o menino tão esperado? O silêncio tomou conta do ambiente. Não ouvindo mais o choro da criança e nem coisa alguma, o rei sabia que algo estava errado. Sentiu uma forte dor em seu coração. Sim, algo de muito grave acontecia naquele quarto e ele como rei, esposo e pai, não permitiria mais aquela aflição. Entrou desesperado no quarto e pôde ver o desespero do médico e de suas criadas que, envoltas da cama, choravam e lamentavam a triste cena que acabaram de presenciar. Ao vê-lo e, em seu último e dolorido suspiro, a rainha apenas suspirou a palavra "Nanda".

Desesperado e, pela primeira vez, sem saber o que fazer, o rei correu em direção da pequena criança e pôde comprovar o porquê do nome Nanda: era uma linda menina que trazia o céu em seus olhos e

o sol em seus cabelos, mas não pôde sentir afeto por aquele ser! Esquecendo-se de sua bondade e justiça culpou a filha pela desgraça que atingira a rainha e a ele próprio. Não, não podia amá-la, não podia sequer segurá-la em seus braços. Aquele ser não era e nunca seria bem vindo naquele castelo que, a partir daquela noite, deixara de ser um lar!

Dr. Ricardo Salomão era mais que um médico, era também um amigo e, tentando acalmá-lo, disse que a criança de nada tinha culpa e que ele e todos já sabiam dos riscos daquele parto, pois, todos sabiam da frágil saúde da rainha, da doença incurável que ela carregava já havia muito tempo. Alertou, também, da possível "herança" que a menina poderia ter herdado da mãe. Sim era triste, mas podia ser realidade. A nova princesinha poderia ter a tão temível doença que sua mãe tinha. Um mal que ele próprio, médico experiente, ainda não fora capaz de descobrir ao certo como é ou como curar.

Três anos mais tarde, a vida no castelo parecia seguir uma rotina triste. A pequena Nanda, já com três anos, nunca recebera do pai, ou da irmã mais velha, nenhuma demonstração de carinho. O único afeto que recebia vinha de uma velha criada do castelo que, logo após a morte da rainha, fora destinada a cuidar da nova princesinha.

As suspeitas do Dr. Ricardo, infelizmente, foram comprovadas logo depois que Nanda, inexplicavelmente, ficou doente. Sentia fortes dores, chorava muito deixando a bondosa babá desesperada e aflita. A menina desmaiava e voltava a si sem nenhuma explicação, isto fez o Dr. Ricardo tomar uma séria decisão. Procurando o rei, disse-lhe que a menina precisaria de um sério acompanhamento e que dali em diante um médico seria necessário ao lado dela e que em hipótese alguma poderia ficar sozinha.

Essa notícia fez com que o rei ficasse ainda mais chateado com a existência da filha. Onde encontraria um médico que deixaria os demais pacientes e se sujeitaria a ser, não só médico, mas uma espécie de babá de uma garotinha? Foi então que o seu velho amigo, Dr. Ricardo, lembrou-se de alguém especial. Seu sobrinho, André Stuart, um jovem recém-formado. Era muito responsável e atencioso. Sim ele era perfeito, seu gosto pelos desafios os ajudaria a desvendar essa doença misteriosa e cruel que se instalara na vida daquelas pessoas.

E assim foi feito. Dr. André ao chegar ao castelo, logo percebeu o imenso vazio no olhar daquelas pessoas, em especial, nos olhos do rei, que aparentemente era uma boa pessoa, mas o sofrimento o tinha raptado para um lugar que parecia não ter volta. Entrou no quarto e viu não uma menina, mas sim um anjo, um ser especial com um brilho no olhar que ele não sabia ser de tristeza ou de mistério. Então era ela a sua protegida, a quem dedicaria todo o seu cuidado, e por que não afeto? Parecia não ser uma tarefa difícil, pois, cuidar de um ser tão lindo e iluminado não haveria de ser assim tão complicado, a não ser pela misteriosa doença que carrega dentro de si, mas isso, ele tinha certeza, que faria de tudo para descobrir a cura.

Conforme o tempo ia passando, André e Nanda iam se tornando mais que paciente e médico, iam se tornando amigos. Como não sentia nenhum afeto vindo de seu pai, ela preferiu se afastar o mais que podia da companhia dele. Suas refeições eram servidas em seu quarto. As aulas de etiqueta e todas as outras que uma mocinha bem educada deveria saber também eram em seu quarto. Passear no jardim com a irmã mais velha e suas amigas nem pensar! Não era aceita pelas moças da região porque todas as julgavam possuidora de um mal contagioso.

Vendo a solidão que aquela bela e doce princesinha era obrigada a suportar, Dr. André, decidiu ser não só médico, mas também guardião da pequenina. Era com ele que ela passeava no jardim, dançava, conhecia o mundo fora do castelo nas histórias contadas por ele, enfim, ele era, além de sua velha babá, a pessoa que a fazia lembrar e sentir o amor.

Ao quatorze anos Nanda se sentia bem, há tempos que não tinha um súbito e Dr. André, ou simplesmente André, estava ao seu lado.

Aquele dia parecia ser diferente dos demais. Era como se algo de especial estivesse por acontecer. Sentia-se como se uma luz branca a rodeasse. As nuvens no céu davam formas de anjos e os pássaros cantavam como nunca! Nanda, fixando o olhar em André, disse:

- Devo o pouco da minha felicidade a você. Não sabes o quanto é importante tê-lo ao meu lado. Obrigada!

- Ora, você não me deve nada, meu pequeno anjo!

E não dizendo mais nada eles continuaram há contemplar o dia, mas por dentro Nanda sabia que seus sentimentos por André já não eram mais os mesmos e que algo novo estava para acontecer.

Na manhã seguinte Nanda foi despertada por um canto diferente. Um pássaro em sua janela cantarolava tão suave e encantador que parecia ser irreal. O próprio pássaro parecia irreal. Era branco com penas azuis e seu canto enfeitiçava. Todos na casa ouviram a canção menos André que, nesse momento, caminhava em direção ao quarto de Nanda levando além do café da manhã, seus medicamentos diários. Mas ao entrar no quarto não pôde acreditar no que seus olhos viam. Sim, sua doce princesa flutuava no ar como uma leve pena e parecia totalmente feliz e encantada com algo que ele não podia ver. Aquela cena foi tão inesperada que a bandeja que levava nas mãos foi ao chão. Nanda assustou-se com barulho e caiu. Ele ao vê-la no chão mais uma vez desesperou-se. Correndo em sua direção, tomou-a em seus braços pensando que ela estivesse machucada. Nanda ao sentir-se protegida sorriu dizendo:

- Você viu? Você viu o pássaro?

- Pássaro? Que pássaro? E como você fez aquilo? Como conseguiu flutuar?

- Não sei. Algo mágico aconteceu comigo – e levantando – onde está tão encantadora criatura? Você não o viu? Branco de asas azuis?

André fez um gesto de negação e Nanda desistiu de perguntar, mas sabia que voltaria a ver aquele ser fantástico que a havia feito se sentir nas nuvens. E abraçada ao médico, sentindo seu corpo e sua respiração, pôde perceber que seus sentimentos por ele haviam se transformado. Ela não o via mais como um médico amigo ou guardião protetor e, sim, como um homem, pois, ela agora, não era mais uma menininha, estava crescendo e se tornando uma mulher e como todas as outras moças, se sentia no direito de amar, de ter sua própria vida, ainda que, sabia para ela nada nunca seria fácil.

Ao vê-los abraçados, Natacha sentiu-se enciumada. Não suportava ver a irmã feliz. Achava, em sua mesquinhez, que todas as atenções eram dadas à irmã mais nova. Era incapaz de ter um gesto de carinho e doçura com os criados e, principalmente, com Nanda. Para ela todos eram inúteis, sem significância. Usava todos como queria. Mandava, não pedia. Tinha amigas porque usava de sua posição, afinal, era princesa. André vendo todo esse comportamento e indelicadeza decidiu não se